

## ARTIGO DE OPINIÃO

## LIMITES ENTRE O HUMOR E O CAOS

## NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM POETA

## A propósito do humor, em pleno caos

*Por Gislaine Buosi*

Ezra Pound, um dos maiores poetas do Modernismo norte-americano, afirmou: o artista é a antena da raça humana. Com efeito, Drummond, poeta mineiro de Itabira, torturado pelo ontem e temeroso pelo amanhã, foi uma antena, não só da raça, mas também da época – ele versejou na entressafra das Grandes Guerras: os horrores da Primeira ainda acenavam, quando houve a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York e, em seguida, os barris de pólvora da Segunda. Naquele instante, enquanto os brasileiros da “pátria amada, salve, salve” pisavam um terreno fértil para a fome, o medo, a revolta e o suicídio, Drummond rabiscava uns papéis, metrificava uns versos, provocava umas rimas. Num misto de ironia, rosa, desencanto e náusea, o poeta foi um justiceiro: lutou com palavras.

Todavia, se a Justiça, por vezes travestida de Lei, vai até a esquina e muda de roupa, os justiceiros também, ainda que a Causa Pública permaneça. O Brasil e o mundo colecionam, hoje, não mais poesia, e sim cartuns e tiras tocados ao humor corrosivo – o caos político nunca foi motivo de tanto escárnio.

Fica claro que o mesmo contexto social que abastece o humor, deveria também abastecer a Literatura, em especial a poesia – outra maneira de focalizar a fragilidade das instituições governamentais. Entretanto, ao que nos parece, a risada alivia, aquieta, dissimula e, assim, o riso fácil não parece dar espaço à reflexão necessária.

Por tudo isso, muito embora a liberdade de expressão – indispensável ao progresso socio-intelectual – deva caber nas páginas de quaisquer periódicos, convém não confundirmos liberdade de expressão com libertinagem nem, ainda, com liberdade de opressão. A lei que assegura o livre curso do pensamento não autoriza ninguém a achincalhar o moral alheio, não endossa a execração de quaisquer instituições.

Certo é que a humanidade aplaude espetáculos cômicos, mas o paladar refinado pelo bom senso repudia posturas extremas e preconceituosas. É viés inteligente o humor instigante, porém não vulgar nem ofensivo. É, também, medida racional o incentivo à leitura dos clássicos, verdadeiros tesouros ao alcance das mãos – até porque os que vierem após nós, devem encontrar, além das tiras de humor, registros da História que hoje fazemos não só nas enciclopédias, como também na poesia.